

Índice

PEÇA DE EXPOSIÇÃO <i>Introdução de Ronald D. Moore</i>	9
O PASSAGEIRO <i>Introdução de Jack Thorne</i>	27
O PLANETA IMPOSSÍVEL <i>Introdução de David Farr</i>	43
O ENFORCADO <i>Introdução de Dee Rees</i>	56
CONVERSA DE VENDEDOR <i>Introdução de Toni Grisoni</i>	75
O PAI-COISA <i>Introdução de Michael Dinner</i>	95
O FABRICANTE DE CAPUZES <i>Introdução de Matthew Graham</i>	110
FOSTER, ESTÁS MORTO <i>Introdução de Kalen Egan e Travis Sentell</i>	130
HUMANO É <i>Introdução de Jessica Mecklenburg</i>	155
AUTOFAB <i>Introdução de Travis Beacham</i>	172

Introdução de Ronald D. Moore

Título do conto: Peça de Exposição

Título do guião: Vida Real

Ronald D. Moore é um argumentista e produtor americano. É conhecido pelo seu trabalho de reimaginação da série *Battlestar Galactica*, com o qual ganhou um Prémio Hugo e um Prémio Peabody, e pela criação da série *Outlander*, baseada nos romances de Diana Gabaldon. Moore começou a sua carreira de argumentista/produtor com *Star Trek: the Next Generation* e *Star Trek: Deep Space Nine*.

Li pela primeira vez este conto quando andava à procura de uma história de Philip K. Dick (PKD) que pudesse adaptar para a série *Sonhos Elétricos*. Senti-me atraído desde o primeiro momento pelo tema subjacente de nos perdermos numa realidade alternativa. Era algo em que andava a magiciar desde que comecei a trabalhar em *Star Trek*, bem como num episódio-piloto, que produzi para o canal Fox, chamado “Virtualidade”. Quando li “Peça de Exposição”, ocorreu-me que era uma oportunidade para criar um episódio sobre a tecnologia de realidade virtual, que começava a entrar no mercado. Penso que a realidade virtual é uma nova e entusiasmante fronteira no mundo do entretenimento, mas, como sempre, tendemos a criar primeiro novos dispositivos, e só depois é que refletimos sobre as suas ramificações sociais. Quanto mais pensava numa história em que o protagonista se perdesse num mundo alternativo, mais cons-

ciência tinha de que podia pegar na ideia central do conto e expandi-la de modo a explorar mais profundamente não só a realidade virtual, mas também a natureza da própria realidade. Descobri que isto é recorrente no universo de PKD: a sua obra esconde temas interessantes e provocadores que, muito tempo depois, continuam a ser pertinentes nas nossas vidas. Muito pouco do conto de PKD subsiste no meu argumento, mas é nele que tem origem o coração e, talvez mais importante ainda, o *cérebro* do episódio.

PEÇA DE EXPOSIÇÃO

“Esse fato é muito estranho”, observou o robô que conduzia o transpúblico. Abriu a porta e parou junto ao passeio. “O que são essas coisas redondas?”

“Botões”, explicou George Miller. “São em parte funcionais e em parte decorativos. Isto é um fato arcaico, do século xx. Uso-o devido à natureza do meu trabalho.”

Pagou ao robô, pegou na sua pasta e percorreu apressadamente a rampa de acesso ao Instituto de História. O edifício principal já estava aberto; homens e mulheres de túnica deambulavam por todo o lado. Miller entrou num elevador PRIVADO, encolheu-se entre dois enormes controladores da secção pré-cristã e passado um momento estava a caminho do seu próprio nível: o de Meados do Século XX.

“Bodia”, murmurou ao encontrar o controlador Fleming diante da exposição sobre o motor atómico.

“Bodia”, respondeu Fleming, com brusquidão. “Ouça lá, Miller. Falemos com franqueza de uma vez por todas. E se toda a gente se vestisse como o senhor? O governo definiu regras severas de indumentária. Não pode esquecer os seus malditos anacronismos de vez em quando? Que raio de coisa é essa que traz na mão? Parece um lagarto do Jurássico esmagado.”

“Isto é uma pasta em pele de crocodilo”, explicou Miller. “Trago aqui as minhas bobinas de estudo. Nos finais do século xx, a pasta era um símbolo da autoridade da classe empresarial.” Puxou o fecho de correr da pasta. “Tente compreender, Fleming. Ao acostumar-me

aos objetos do dia a dia do meu período de investigação, passo de uma relação de mera curiosidade intelectual a uma de empatia genuína. O senhor tem observado muitas vezes que eu pronuncio certas palavras de forma estranha. É o sotaque de um homem de negócios do tempo da administração Eisenhower. Está a topar?”

“Hã?”, resmoneou Fleming.

“*Está a topar* é uma expressão do século xx.” Miller dispôs as suas bobinas de estudo em cima da secretária. “Querida alguma coisa? Se não, vou começar a trabalhar. Descobri provas fascinantes que sugerem que, embora os americanos do século xx aplicassem os seus próprios mosaicos, não teciam as suas próprias roupas. Pretendo alterar a minha exposição a respeito deste ponto.”

“Não há pior fanático do que um académico”, grasnou Fleming. “O senhor está duzentos anos atrasado. Mergulhado nos seus artefactos e relíquias. No raio das suas réplicas autênticas de bagatelas descartadas.”

“Adoro o meu trabalho”, respondeu Miller calmamente.

“Ninguém se queixa do seu trabalho. Mas há outras coisas importantes. Aqui, nesta sociedade, o senhor é uma unidade político-social. Tenha cuidado, Miller! O Conselho está a par das suas excêntricas. Eles aprovam a dedicação ao trabalho...” Semicerrou os olhos de forma significativa. “Mas está a ir longe de mais.”

“Em primeiro lugar está a minha arte”, disse Miller.

“A sua quê? O que é isso?”

“É um termo do século xx.” O rosto de Miller assumiu uma indistintível expressão de superioridade. “O senhor não passa de um burocrata insignificante numa máquina imensa. De uma função numa totalidade cultural impessoal. Não se rege por normas próprias. No século xx, os homens tinham normas pessoais de trabalho. Capacidade artística. Orgulho no que faziam. Para si, estas palavras não têm significado. O senhor não tem alma — outro conceito dos tempos áureos do século xx, em que os homens eram livres e podiam dizer o que pensavam.”

“Cuidado, Miller!” Fleming empalideceu nervosamente e disse em voz baixa: “Malditos académicos! Largue as suas cassetes e enfrente a realidade. Ainda nos vai meter em sarilhos, a falar assim. Idolatre à vontade o passado. Mas lembre-se: já passou. Os tempos

mudam. A sociedade evolui.” Indicou com impaciência os objetos que ocupavam aquele nível. “Isto são réplicas imperfeitas.”

“Está a contestar a minha investigação?” Miller estava furioso. “Esta exposição é absolutamente fiel! Corrijo-a sempre que surgem novos dados. Não há nada que eu não saiba sobre o século xx.”

Fleming abanou a cabeça. “É inútil.” Enfastiado, virou as costas, encaminhou-se a passos largos para a rampa descendente e saiu.

Miller endireitou o colarinho e a colorida gravata pintada à mão. Alisou o casaco azul às riscas, acendeu habilmente um cachimbo com tabaco de há duzentos anos e regressou às suas bobinas.

Porque é que Fleming não o deixava em paz? Fleming, o serviçal representante da grande hierarquia que se estendia por todo o planeta como uma viscosa teia cinzenta. Pelo interior de cada unidade industrial, profissional e residencial. Ah, a liberdade do século xx! Miller reduziu por instantes a velocidade do leitor de fitas magnéticas, e uma expressão sonhadora perpassou-lhe pelo rosto. A excitante era da virilidade e da individualidade, quando os homens ainda eram homens...

Foi nesse momento, quando se preparava para mergulhar a fundo na beleza da sua investigação, que ouviu os inexplicáveis ruídos. Vinham da zona central da exposição, do seu interior complexo e cuidadosamente regulado.

Estava alguém dentro da sua exposição.

Conseguia ouvi-los lá atrás, bem ao fundo. Alguém ou alguma coisa tinha franqueado as barreiras de segurança que impediam o acesso ao público. Miller desligou o leitor de fitas magnéticas e ergueu-se devagar. Todo ele tremia à medida que se aproximava cautelosamente da exposição. Neutralizou a barreira e trepou pela vedação até um pavimento de betão. Alguns visitantes pestanejaram, curiosos, ao verem aquele homenzinho vestido de forma bizarra a esgueirar-se cautelosamente por entre as réplicas autênticas do século xx que constituíam a exposição e desaparecer.

Ofegante, Miller avançou pela rua em direção a um caminho de gravilha impecavelmente cuidado. Talvez um dos outros teóricos, um laiaio do Conselho, andasse por ali a bisbilhotar, à procura de algo que o desacreditasse. Uma inexactidão aqui... um erro sem importância acolá. O suor perlava-lhe a testa; a sua irritação converteu-